



Anna Maria Knobel

205

Psicóloga psicodramatista didata supervisora (foco psicoterápico e socioeducacional), mestre em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora e supervisora do Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes), autora de *Moreno em ato* e de diversos artigos sobre sociometria e grupos.

Prezada Editora da RBP,

É com satisfação que lhe comunico que o livro *Inconsciente Social*<sup>1</sup> – organizado pelos grupanalistas Earl Hopper, londrino, e Haim Weinberg, israelense residente na Califórnia (Estados Unidos) – do qual tivemos o prazer de participar focando o pensamento de Moreno acerca do coconsciente/coinconsciente, tem mobilizado muito interesse em profissionais que trabalham com grupos de diferentes regiões do mundo.

Na introdução, os organizadores delineiam o desenvolvimento do conceito de *inconsciente social* e identificam várias das atuais áreas de interesse em relação a esse conceito. Eles acreditam que a Grupanálise continua a mudar e a se desenvolver, validando a troca entre profissionais de diferentes culturas, o que tem levado a um aprofundamento e à continuidade desse processo de atualização teórica. Refletem sobre o uso da noção de uma mente inconsciente, antes de Freud, por filósofos como Spinoza, Leibniz, Schopenhauer e Nietzsche.

Ainda nas décadas de 1920 e 1930, psicanalistas consideraram limitado o foco apenas no “indivíduo” e seu corpo como a única ou mesmo a principal fonte de fenômenos não conscientes, inconscientes e pré-conscientes. Julgaram essencial dar mais ênfase à influência das inter-relações humanas durante a trajetória de vida (da concepção até a morte) no contexto da sociedade e da cultura.

Em paralelo ao trabalho de Foulkes e Bion, Hopper e Weinberg incluem Moreno, no contexto do Psicodrama, e Pichon-Rivière, no contexto de trabalhos em grupo como autores que também se concentraram nos processos recursivos da mente na sociedade e da sociedade na mente.

---

**NOTA:**

1. HOPPER, E., WEINBERG, H. (Orgs.) **The social unconscious in persons, groups, and societies.** Londres, Reino Unido: Karnac Books, 2011.



A parte inicial do livro expõe as origens do conceito *inconsciente social*, começando com as formulações de S. H. Foulkes, apresentadas pelo alemão Dieter Nitzgen, pelo conceito de *coinconsciente* na obra de J. L. Moreno, descrito pelas brasileiras Heloisa Fleury e Anna Maria Knobel, bem como pela tradição latino-americana de análise de grupo (Enrique Pichon-Rivière), registrado pelo mexicano Juan Tubert Oklander.

O livro traz ainda textos que abordam as perspectivas relacional ou interpessoal do *inconsciente social*, a matriz do sistema social desdobrada em sua ideologia e bases do inconsciente social (*foundation matrix*). Por fim, há alguns textos que consideram o numinoso e desconhecido, na perspectiva Junguiana e na da matriz do Sonho Social.

O reconhecimento de Moreno como um dos precursores na construção desse conceito expressa a amplitude do diálogo entre diferentes teorias, facilitando a identificação de muitas semelhanças entre conceitos consagrados nas duas teorias: a Grupanálise e o Psicodrama.

No capítulo acerca da teoria psicodramática Fleury e Knobel destacam que o inconsciente moreniano se define a partir de duas noções fundamentais: a de um inconsciente compartilhado, criado e vivido simultaneamente por várias pessoas e que ultrapassa os limites do espaço psíquico individual. Isto resulta no que Moreno chamou de *inter-psique*, uma rede de sentidos, de modos específicos de ser e de se relacionar interligados. Além disso, por se constelar entre pessoas, o coinconsciente moreniano, gera *estados*, ou seja, aglomerados móveis de qualidades e de características conjunturais que se organizam, em parte intencionalmente e em parte por acaso, na convivência estável e significativa. Segundo as autoras, a partir de uma complementaridade funcional entre esses estados cria-se certa comunicação entre acontecimentos inconscientes de diferentes pessoas. Quando a realidade familiar, social ou cultural é sentida como ameaça insuportável ao “eu” surgem modos específicos de evasão dos perigos, dos medos e das vergonhas. São os mitos familiares, sociais e culturais que, como mecanismos de defesa, contribuem para que perigos, medos, segredos, vergonhas, oriundos do passado, mantenham-se invisíveis no presente da relação. Como um jogo predefinido de repetições, mantêm-se vivas questões do *lá então* de outro tempo e de outro lugar, em detrimento do que poderia ser vivido espontaneamente no *aqui e agora* do vínculo.



As autoras discutem ainda como o Psicodrama opera com o coinconsciente. Iniciam com práticas psicodramáticas em *realidade suplementar*, que para Zerka Moreno é uma dimensão que vai além da realidade subjetiva e objetiva. É uma espécie de realidade cósmica (MORENO, BLOMKVIST, RÜTZEL, 2000, p.45-46)<sup>2</sup> e, portanto, um dos espaços privilegiados para os estados coconscientes/coinconscientes. Definem, a seguir, a necessidade de focar temas grupais, o que pode ser feito conforme três vértices: protagônico, espontâneo e grupal.

As autoras destacam ainda que algumas técnicas específicas do Psicodrama também costumam ser úteis para desvelar o coinconsciente: a *maximização* e a *concretização*, pois os bloqueios coinconscientes tendem a se apresentar nos corpos dos participantes (campo intensivo pré-verbal).

Além de tais técnicas ressaltam que as práticas sociodramáticas (voltadas para o grupo) por serem um processo de produção coletiva imaginária, ajudam a decifrar o que até então era vivido como sintoma.

Nesse rico interjogo entre coconsciente e coinconsciente, muitos significados singulares, ligados a crenças e a costumes compartilhados aparecem, podendo ser elaborados pelos participantes no presente das relações.

Por fim gostaria de enfatizar a grande receptividade do movimento grupalista internacional, tanto em relação a nós psicodramatistas como aos latino-americanos no sentido de desenvolver um rico e complexo processo transcultural de construção do conhecimento.

São Paulo, 31 de março de 2013.

Anna Maria Knobel  
Rua Pará, 65 - cj. 51  
01243-020 São Paulo, SP  
Tel. (11) 3256-4244  
amknobel@uol.com.br

---

**NOTA:**

2. MORENO, Z. T., BLOMKVIST, L. D., RÜTZEL, T. A realidade suplementar e a arte de curar. São Paulo: Ágora, p. 45-46, 2000.

